

A JORNADA AMERICANA DE UM EREMITA ITALIANO NO SÉCULO XIX: MISSÃO, CURAS E PEREGRINAÇÃO*

THE AMERICAN JOURNEY OF AN ITALIAN HERMIT IN THE 19TH CENTURY: MISSION, HEALINGS AND PILGRIMAGE

Alexandre Karsburg <https://orcid.org/0000-0002-1527-5176>

Resumo

Em junho de 1838, chegava ao continente americano um italiano chamado Giovanni Maria de Agostini. Sujeito desconhecido, passará trinta e um anos em peregrinação, atravessando as Américas de norte a sul, de leste a oeste, realizando trabalhos missionários, curando doentes com o uso combinado de ervas e fontes de água, fabricando e trocando imagens sacras por mantimentos. Durante esse tempo, Giovanni (Juan em espanhol, João em Português) Maria de Agostini deixou devoções como as de Santo Antônio Abade, Nosso Senhor dos Desertos, da Virgem Maria e da Santa Cruz, algumas destas existentes até os dias atuais, no Brasil, Argentina, Peru, México e nos Estados Unidos, compondo espaços de memória e devoção ligados à sua passagem e a um grande número de milagres. Neste artigo, pretendo apresentar o roteiro percorrido por Agostini pelas Américas, a partir de suas memórias, em confronto a outras fontes históricas que foram encontradas em arquivos de diferentes países. A hipótese que sustento é que ele foi agregando saberes ao longo da trajetória, modificando seus objetivos e construindo-se como missionário e curandeiro, aproveitando-se das oportunidades que apareciam.

Palavras-Chave: Missão Religiosa, Peregrinação, Monge João Maria, Século XIX

Abstract

In June 1838, an Italian named Giovanni Maria de Agostini arrived on the American continent. An unknown subject, he would spend thirty-one years on pilgrimage, crossing the Americas from north to south, from east to west, carrying out missionary work, curing the sick with the combined use of herbs and water sources, manufacturing and exchanging sacred images for supplies. During this time, Giovanni (Juan in Spanish, João in Portuguese) Maria de Agostini left devotions such as those of Santo Antônio Abade, Nosso Senhor dos Desertos, of the Virgin Mary and of the Holy Cross, some of which exist until the present day, in Brazil, Argentina, Peru, Mexico and the United States, composing spaces of memory and devotion linked to his passage and to a large number of miracles. In this article, I intend to present the route taken by Agostini through the Americas from his memories, in comparison with other historical sources that were found in archives from different countries. The hypothesis that I support is that he was adding knowledge along the way, modifying his goals and building himself as a missionary and healer, taking advantage of the opportunities that appeared.

Keywords: Religious Mission, Pilgrimage, Monge João Maria, 19th Century

Fecha de recepción: 15-07-2022 Fecha de aceptación: 30-05-2023

Cerro del Tecolote, norte do Novo México, ano de 1864. Isolado no alto da montanha, o velho eremita refletia a respeito de sua longa e atribulada vida. Desde que começara a peregrinar pelo mundo, quase meio século antes, passara por vários lugares, percorrendo dois continentes; atravessara um oceano, caminhara por desertos, florestas e montanhas, vivendo em cavernas e grutas; conhecera centenas de pessoas, e delas guardava recordações distintas; envolvera-se em diferentes situações, nem sempre de agradável lembrança. Numa confusão de acontecimentos, datas, nomes e lugares, o velho eremita acreditou ser interessante selecionar aqueles realmente importantes em sua trajetória. Memórias variadas e sobrepostas o confundiam. Era preciso organizá-las, dar uma ordem aos fatos, selecionar eventos, criar um sentido à sua vida, deter o processo de esquecimento. E, se fosse contar para alguém suas expe-

riências, deveria iniciar logo, pois não tinha certeza quantos anos ainda teria pela frente. Sua história deveria ficar registrada para que ganhasse posteridade póstuma, quem sabe se tornar livro a ser lido por aqueles que ele conhecera em sua extensa jornada pelo Novo Mundo, quiçá seus conterrâneos no Velho Mundo.

Escrita de si, memórias, autobiografias e diários de viagens são termos que se referem à ação de certos sujeitos quando resolvem escrever sobre seu passado, retratar experiências e impressões do que viram, viveram e sentiram. Na hora de colocar no papel tantos e tantos anos de vida, parece óbvio dizer que a subjetividade estará presente nas escolhas do que será registrado. A "escrita de si" se baseia na ideia de que a vida individual tem importância, que é digna de ser narrada como uma história que pode e

* História Pública Consultoria. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Correio eletrônico: akarsburg@gmail.com

deve sobreviver na memória dos outros: o autor “postula uma identidade para si” (Gomes 2004:12). Esquecer, filtrar ou ocultar fatos fazem parte do processo de seleção, assim como destaque a certos acontecimentos que o autor julga digno de ser lembrado. Seja qual for o nome que se queira dar às memórias do velho eremita – conhecido nos Estados Unidos como o Eremita do Novo México, monge João Maria no Brasil e Juan Augustin Abade no Peru –, o que importa é a intenção: naturalmente, ele desejava que sua história de vida fosse conhecida, sobrevivendo na lembrança alheia.

João Maria de Agostini resolveu fazer uma seleção daquilo que considerava ser relevante em sua trajetória provavelmente entre 1864 e 1867, durante o tempo de permanência no *Cerro del Tecolote*. A “escrita de si” era quase sempre repudiada porque a santidade supõe humildade: “o santo não poderia escrever sua própria vida. Só existem santos escritos por outros”, afirmou Geneviève Bollème (*apud* Dosse 2009:139). Porém, há relatos de vida escritos pelos próprios santos, o que não denota vaidade senão atender à exigência “premente de comunicar sua experiência” e dar provas suplementares “de seu destino ascético consagrado a Deus” (*Ibid.*:140). Talvez o eremita tenha sido incentivado por algum de seus benfeitores a escrever a história de vida ou ditá-la para alguém com habilidade na escrita. Se isso era incomum aos eremitas clássicos – como santo Antônio Abade, que ensinava pelo exemplo e não por palavras ou por instruções escritas (Lacarrière 2002:239) –, foi entendido por João Maria de Agostini como mais um recurso para que seu nome, obras e feitos não caíssem no esquecimento. Diante desta possibilidade, quis registrar a longa vida de peregrino a serviço do Evangelho de Cristo. Era a chance de expor o seu ponto de vista, daria um sentido para a existência, justificaria escolhas, defenderia a honra atacada e se desculparia junto aos amigos que conheceu em quase quarenta anos de vida errante. Vaidade ou não, a escrita foi utilizada para que João Maria de Agostini contasse a sua história.¹

As memórias iniciam pelas origens familiares do eremita, ainda na Itália, no princípio do século XIX, retratando a infância, juventude e vários anos da vida adulta, até decidir atravessar o Atlântico. Nasceu em 1801 no *comune* de *Sizzano*, norte da Itália, em pleno domínio napoleônico. Agostini cresceu em meio a uma Europa convulsionada por guerras, sendo que a Itália estava iniciando o processo de Unificação de seu território. Com aproximadamente 20 anos de idade iniciou sua vida errante, primeiro na própria Itália, depois por outros países como França, Espanha, Suíça.

1 Livro de memórias que está temporariamente desaparecido. Porém, na década de 1920, um autor chamado Charles Wolfe traduziu os escritos para o inglês a partir dos documentos originais que estavam redigidos em espanhol (Wolfe 1925). *Fogelson Library's Special Collections*, na Universidade de Arte e Design do Novo México, em Santa Fé; e no Arquivo Histórico da Biblioteca Frei Angélico Chaves, também em Santa Fé, no Novo México.

Certamente influenciado por notícias de missionários que partiam pelo mundo para fazer trabalhos religiosos,² escolheu o continente americano para fazer o mesmo. Para este artigo começarei a apresentar a trajetória pela chegada dele a Caracas, capital da recém-formada República da Venezuela, em junho de 1838.³

Apesar das poucas informações que Agostini disse ter do Novo Mundo, ele parecia considerá-lo, como muitos europeus do século XIX,⁴ uma terra de descobertas e de missão religiosa. Porém, sua busca se concentrava, de início, na vida solitária, tal como os padres do deserto do início da era cristã. Santo Antônio Abade era seu exemplo de vida.⁵ E era isso que Agostini desejava, pois, em seu livro de memórias, atestou que apenas tinha ouvido falar que nas Américas haviam altas montanhas e desertos extensos. Tais condições permitiriam a ele entrar plenamente em uma vida de solidão perfeita. Após alguns dias de descanso em Caracas, tomou o rumo do sul, passando por cidades como Santa Fé de Bogotá e Popayan na Colômbia; Quito e Guayaquil no Equador; Lambayeque e Motupe no Peru.

De acordo com suas memórias, viveu nesses lugares diferentes por tempo variável, pregando às pessoas de acordo com as ordens que recebia dos bispos. Aliás, detalhe interessante, alguns bispos parecem ter insistido para que Agostini permanecesse como sacerdote em certas paróquias. Porém, quando ele explicava sua missão na América, os bispos permitiam que continuasse em sua jornada de eremita peregrino.

A Santa Cruz de Motupe

Em Motupe, no norte do Peru, Agostini passou dois anos (1839-1841) em um local ao lado de uma grande montanha vizinha à Cordilheira dos Andes. Habitava uma caverna que ficava a dezesseis quilômetros das casas mais próximas, mas isso não o impedia de ir à igreja paroquial todos os domingos e dias de festa para assistir à Missa. Sua idade naquele tempo (38 a 40 anos) permitia longas caminhadas. Entre suas tarefas, ele visitava os doentes e os pobres,

2 No início do século XIX, a Igreja Católica, por meio da Sagrada Congregação da *Propaganda Fide*, passou a preparar missionários para atuarem como catequistas em diversos países do mundo, em todos os continentes. Os relatos de suas missões eram divulgados nas paróquias italianas buscando atrair candidatos para tais tarefas (Châtelier 1995).

3 Para mais informações a respeito da vida de Agostini na Europa, indico meu livro (Karsburg 2014) e artigo de Franco Dessilani (Dessilani 2019:95-131).

4 Seria frutífero incorporar aqui neste artigo uma bibliografia que coloca o caso de Agostini em diálogo com outros depoimentos semelhantes de viajantes na América do Sul. Há, de fato, uma proliferação de registros e publicações de relatos de viajantes como escritores, artistas, cientistas, entre outros. Em livro (Karsburg 2014), trabalhamos com diversos relatos de viajantes para compreender como descreveram suas experiências em terras americanas: Seidler 2003; Saint-Hilaire 1976, 1978, 2002; Orbigny 1976. A análise comparativa de tais relatos nos permitiram entender as peculiaridades das peregrinações de um eremita no século XIX.

5 Anacoreta que viveu no século IV d. C. nos desertos do Egito, considerado pela tradição católica como o primeiro eremita cristão.

fazendo o melhor para levar a eles um pouco de conforto. No início da noite, depois de os sacerdotes concluírem a cerimônia da Missa, Agostini reavivava a fé dos ouvintes recitando o Rosário e realizando breve exortação sobre o Temor de Deus e outros assuntos apropriados. Para ele, era um “prazer ver como aquelas simples almas reagiam às palavras e como recebiam os ensinamentos da Santa Igreja de que há tanto tempo haviam sido privadas” (Agostini *apud* Wolfe 1925:4).

Antes de sair de Motupe, João Maria de Agostini construiu ao menos uma cruz de madeira. Esta cruz ficou alojada em uma gruta no alto da montanha Chalpón, cerca de dezesseis quilômetros de Motupe. A particularidade é que a cruz ganhou importância somente em 1869, após um grande terremoto ter atingido o Peru e outros países da costa do pacífico.⁶ Segundo a tradição que se consolidou no norte peruano, a região não foi arrasada por conta da ação miraculosa da cruz, que protegeu as cidades e os moradores de Motupe. Esse teria sido o primeiro grande milagre da Cruz de Chalpón, construída anos antes pelo eremita João Maria de Agostini. Desde então, a cidade e a montanha se tornaram centros de peregrinação, com milhares de pessoas sendo atraídas pela Santíssima Cruz, que se tornou um poderoso símbolo religioso e de identidade para os moradores da cidade (Karsburg 2020).⁷ No dia de sua partida definitiva de Motupe, em 1841, Agostini ganhou de um importante morador uma carta de recomendação que finalizava assim: “Deus tem olhado por nós e nos protegido de todo mal enquanto o solitário reverendo viveu entre nós” (Wolfe 1925: 4). Parece inegável que uma parcela de sua beatitude havia permanecido na cruz, bem como na fonte de água existente no alto da montanha, segundo crença geral que já dura mais de um século na região de Motupe.

O eremita terá como costume construir cruzeiros como marcos de sua passagem pelos lugares – apesar de tal prática não ser somente dele, mas de todo missionário religioso em trabalho de catequização (Delumeau 2003; Le Goff 1994:227-241).⁸ Motupe, contudo, será o primeiro lugar em que ele ficará por mais tempo nas Américas (cerca de dois anos), bem como apresentará ali marcas que serão características

em suas viagens pelo continente: a vida em isolamento no alto de montanhas, a ida às vilas para fazer sermões, rezar nas casas das pessoas, visitar e tratar de doentes, trocar objetos que fabricava por alimento, descobrir ou abençoar fontes de água, entre outros. Ao menos por enquanto, ele não se apresentava como missionário de índios.

As experiências no Império brasileiro

De Motupe, Agostini se dirigiu mais para o sul, passando por Trujillo. Em novembro de 1842, seus documentos indicam que ele se encontrava na capital do Peru, Lima. Após desculpar-se com o bispo que insistiu para ele se tornar padre, partiu da capital em direção a nordeste, alcançando a cidade de Moyabamba em abril de 1843. O barulho das grandes cidades o perturbava, e nem mesmo nas igrejas sentia-se em paz. No mês seguinte, em 6 de maio mais precisamente, deparou-se com o Rio Maranhão, o maior dos afluentes do Amazonas. Ali, embarcou no grande Rio Amazonas para entrar no Brasil. Passou rapidamente por Tabatinga – um posto de controle militar, fronteira entre Brasil, Peru e Colômbia –, continuando sua navegação pelo Amazonas até chegar à Belém do Pará. Poucos dias depois tomava um barco para o Rio de Janeiro, não sem antes fazer uma parada de alguns dias em Natal, capital da província do Rio Grande do Norte, para tratar de uma febre. Estamos na primeira metade de 1844.

A partir desta data, até novembro de 1852, o que não encontramos em suas memórias pode ser buscado em outros documentos, como registros de entrada de estrangeiros, cartas de recomendação, passaportes, documentos policiais, relatórios variados e jornais – fontes históricas localizadas em diferentes e distantes arquivos no Brasil (Karsburg 2014). Em pouco tempo ele chegaria ao Rio Grande do Sul, onde conheceria uma fama não desejada. Mas, enquanto esse momento não chegava, o italiano João Maria de Agostini se fazia registrar no Rio de Janeiro como tripulante do vapor Imperatriz, vindo do Pará, em 18 de agosto de 1844. Na capital do Império buscou o isolamento da Pedra da Gávea, atraindo a atenção de negros escravos e seus proprietários (Karsburg 2014:124-136).

Depois de dissipadas as desconfianças, um proprietário de terras se colocou como seu benfeitor, enviando mantimentos ao solitário da Pedra da Gávea que, em troca, dava rosários e pequenos crucifixos por ele fabricados. Agostini deve ter aprendido o ofício do artesanato ainda na terra natal, na Itália, algo comum a homens de sua categoria social: camponeses sem terras que, vez ou outra, se lançavam a longas viagens para vender imagens de santos, inclusive na América do Sul. Suas habilidades o fizeram ser bem-visto enquanto permaneceu na Pedra da Gávea, entre agosto e dezembro de 1844. E assim como chegaram, partiu, sem alarde. Novamente pelo porto, deixou o

6 As historiadoras Lorena Walderrama e Elisa Sevilla analisaram como foram recebidas por diversos públicos da costa sul-americana do Pacífico as previsões de terremotos neste ano de 1869, previsões, aliás, proferidas pelo cientista alemão Rudolf Falb (Walderrama, Sevilla 2021).

7 Autores como Carlos Bachmann (1921), Hans Brüning (1922) e Carlos Del Castillo Niño (1967) pesquisaram sobre as origens e desenvolvimento da Romaria a Santíssima Cruz do Chalpón, bem como tentaram desvendar quem era o eremita construtor da cruz. Mesmo com falta de documentação a respeito, conseguiram, por meio de depoimentos, chegar a uma representação muito fidedigna de Juan Agustín de Abad, como ficou conhecido João Maria de Agostini no Peru.

8 É importante destacar a marcante presença de missionários capuchinhos no território sul-americano no século XIX, bem como a de padres jesuítas após a Restauração da Companhia de Jesus na Espanha em 1830. Sobre este assunto, consultar: Palácios 2012; Karsburg 2015.

Rio de Janeiro e embarcou para Santos.⁹ Dali, subiu a serra para se apresentar em Sorocaba, onde se fez registrar no dia 24 de dezembro de 1844. Neste momento o escrivão anotou que o “monge”¹⁰ italiano João Maria de Agostini, “solitário eremita a serviço de seu ministério”, de 43 anos, que iria habitar o morro do Araçoiaba, era “aleijado de três dedos da mão esquerda.”¹¹ Inquieto, Agostini não ficou muito tempo na região, pois seu destino seria o Rio Grande do Sul, a província mais meridional do Brasil.

Interessante notar que, em seu livro de memórias, somente dois fatos foram por Agostini selecionados sobre o Brasil. O primeiro, refere-se a um aspecto positivo, de agradável lembrança: o encontro dele com o Imperador Pedro II, que lhe concedeu amizade e outros “obséquios e favores que ele não daria para qualquer pessoa. Estas honras, contudo, não eram úteis para alguém que procurava uma vida de solidão e sofrimento; após isso, deixei a capital brasileira para nunca mais retornar.” (Agostini *apud* Wolfe 1925:5; Karsburg 2014:359) O segundo evento, igualmente marcante para o eremita, retirou-o do anonimato e fez dele o “monge santo do Rio Grande”, ou, como ficou registrado na história do Brasil, “monge João Maria”. Deixemos que fale o próprio italiano:

Em 1846, quando eu tinha 45 anos de idade, dirigi-me para um retiro solitário no Campestre, onde permaneci por onze meses, andando até Santa Maria da Boca do Monte. Neste vasto deserto inculco descobri uma fonte de água mineral com maravilhosas propriedades curativas, e o lugar que era refúgio de tigres e leões tornou-se uma próspera vila. Pessoas ignorantes começaram a pensar que as curas produzidas pelas águas e os remédios naturais que eu receitava eram efeitos de minha própria santidade, e eu tive que abandonar o local para escapar de suas constantes visitas e das exageradas honrarias que me passaram a ser dirigidas” (Agostini *apud* Wolfe 1925:5; Karsburg 2014:359).

As tais pessoas que ele chamou de “ignorantes” prestaram-lhe apoio nos onze meses em que permaneceu no Campestre, interior do Rio Grande do Sul, próximo a então vila de Santa Maria, entre novembro de 1845 e outubro de 1846. Auxiliando-o em diversas tarefas, como a abertura da trilha

da base até o cume do cerro do Campestre, eles também ajudaram na construção e ereção de dezessete cruzeiros, além da edificação de uma ermida no alto do morro onde seria guardada uma imagem de Santo Antônio Abade. A eles o eremita delegou responsabilidades como manter limpos o caminho da *via-sacra* e o que levava até a “fonte de água mineral”. E estas “pessoas ignorantes” seguiram, na medida do possível, as orientações transmitidas, continuando a devoção a Santo Antônio Abade e fazendo com que o nome *Monge João Maria* ganhasse trajetória póstuma de grande notoriedade.

Chama atenção a maneira abreviada que Agostini retratou os anos vividos no Brasil. Não comentou a respeito de problemas com autoridades, ao contrário, destacou que foi valorizado por elas e desqualificou o povo que o consagrou. Nenhum outro local ou nome foi mencionado, apesar de sabermos que durante quase uma década ele passou por várias cidades, vilas e povoados percorrendo milhares de quilômetros, principalmente no Planalto Meridional brasileiro. Talvez nem lembrasse de todos os lugares por quais passou nos sertões do sul, indo e vindo como peregrino, mas, o mais importante, fazendo-se de pregador do Evangelho, artesão e curandeiro, morando em cavernas, grutas, montanhas e até uma Ilha, a do Arvoredo, em Santa Catarina, entre dezembro de 1848 e maio de 1849. Quem sabe, resolveu resumir a passagem pelo Brasil para não confundir os futuros leitores de suas memórias. Talvez por isso tenha sido sucinto, assim como seria ao relembrar as passagens e desventuras pela Argentina, Paraguai, Chile e Bolívia. Porém, é sobre o período de permanência no sul do Brasil que gostaria de me deter, pois será no Rio Grande do Sul que o sujeito histórico ganhará notoriedade, passando para a posteridade como monge João Maria, o grande taumaturgo que se tornou santo popular.

As águas milagrosas e o monge santo¹²

Devido à recorrência com que as fontes históricas no Brasil relacionaram o monge João Maria de Agostini ao episódio das “águas santas”, em 1848, no interior do Rio Grande do Sul, acredito ser importante mencionar esse acontecimento para perceber a amplitude que teve na época. Por acreditarem que o *monge* tornara milagrosas as águas de uma fonte, milhares de pessoas se dirigiram até o cerro do Campestre, na vila de Santa Maria da Boca do Monte,¹³ em busca de cura para as mais diversas enfermidades. Repercutindo na imprensa, no meio político e entre o clero, o presidente da província sul-rio-grandense ordenou que um

9 Jornal *Diário do Rio de Janeiro* do dia 16 de dezembro de 1844: “Movimento do Porto. Saídas no dia 15 de dezembro de 1844. Para Santos e intermédios, Vapor Paqueta do Sul”, comandante “Mathias de Barros Valente” e, entre passageiros de origem brasileira e estrangeira, “o italiano Frei João Maria Agustim”. Biblioteca Nacional – BN, Setor de Periódicos, *Diário do Rio de Janeiro*, Segunda feira, 16 de dezembro de 1844, n. 6795:4.

10 Será a primeira vez que o italiano será identificado como “monge”, assim passando para a história do Brasil. No entanto, por não pertencer a quaisquer ordens religiosas, ele, de fato, não poderia ser um monge. A confusão deve ter acontecido por João Maria trajar hábito religioso, ter aspecto físico similar e adotar comportamento parecido aos monges.

11 Livro de Registros de Estrangeiros, folha 18, 1842-1865, Apresentação de Estrangeiros – Delegacia, Sorocaba, SP.

12 Esta parte do artigo está mais bem analisada em meu livro *O Eremita das Américas* (Karsburg 2014:76-84).

13 Santa Maria da Boca do Monte, localizada no centro do estado do Rio Grande do Sul, Brasil, fica distante cerca de 300 quilômetros da capital Porto Alegre. Em meados do século XIX, era uma pequena vila rural de aproximadamente 4 mil habitantes, pertencente ao município de Cachoeira do Sul. A vila era rota de passagem entre a capital e região das antigas missões jesuíticas.

médico fosse até o local para ver se as chamadas “águas santas” tinham, de fato, algum princípio medicinal. Acredito que este fato foi chave para ter tornado Agostini tão conhecido no Brasil do século XIX, pois as “águas Santas” do Campestre de Santa Maria mobilizaram desde populares até autoridades políticas e médicas, e fizeram com que se produzisse uma quantidade significativa de documentos. Dessa forma, o indivíduo João Maria de Agostini ficou sob o olhar atento de grupos que criaram a respeito dele impressões variadas, conflitantes na maior parte das vezes. Foi entendido pela maioria como intermediário divino na terra, “santo” capaz de tornar milagrosas as águas de uma fonte que a tudo curava, mas igualmente percebido como embusteiro, charlatão e espião estrangeiro por jornalistas e autoridades públicas brasileiras de meados do século XIX.

Acompanhando os ofícios e correspondências do governo da província do Rio Grande do Sul do ano de 1848, percebi que o zelo das autoridades no assunto “Águas Santas” não era gratuito, pois havia a necessidade de “mapear elementos naturais e benéficos com a intenção de incrementar a sua utilização”, assim, “foram promovidas investigações sobre a presença e uso de ervas e águas medicinais em vários pontos da Província” (Witter 2007:168-172). Mas havia um elemento a mais que apressou tanto o governo quanto os deputados em averiguar os princípios medicinais das águas ditas santas: não poderiam permitir que a credulidade de uns servisse de base de conhecimento para anunciar as virtudes daquelas e de outras águas que, por ventura, viessem a ser descobertas. Pode-se afirmar que o saber popular servia muitas vezes de base para o saber científico, pois aquele se baseava em uma empiria considerada eficaz e cujo resultado não poderia ser desprezado (Witter 2007:169). Porém, no caso das águas do Campestre em Santa Maria, as autoridades acreditavam que havia uma euforia e crença excessivas, e somente uma análise científica poderia fornecer conclusões definitivas.

A Academia Imperial de Medicina, no Rio de Janeiro, também se envolveu na discussão a respeito das águas do Rio Grande do Sul.¹⁴ A preocupação dos médicos no Rio de Janeiro se estendia a outras águas medicinais espalhadas pelo Brasil, que vinham sendo usadas de modo impróprio pelas pessoas ou “a par de charlatões que infestavam o país” anunciando curas fabulosas “cuja eficácia, uma vez demonstrada e admitida, provada ficaria a imortalidade do homem”, afirmou o médico da Academia Imperial Cândido Borges Monteiro.¹⁵ A indignação do médico se dirigia igual-

mente aos anúncios em jornais que proclamavam curas imediatas com o uso “do unguento dos pobres, das águas miraculosas, das chapas medicinais, das pílulas vegetais e anti-vegetais, dos extratos de salsaparrilha, dos bálsamos simpáticos, etc., etc.,”. Ao final, junto a outros médicos, Cândido Borges Monteiro solicitou que se fizesse pressão “à Câmara Municipal do Rio de Janeiro para que endureça as leis contra os charlatões.” Na verdade, o que queriam os médicos era ter o exclusivo direito de exercer a arte de curar, combatendo, deste modo, o exercício da medicina por pessoas que eles consideravam ilegítimas.

Sabiam as autoridades do Império brasileiro da existência de outros lugares com águas sulfurosas ou termais: no Rio de Janeiro, no Espírito Santo, em Pernambuco, no Rio Grande do Norte, no Piauí, em Maranhão e em Santa Catarina. Sobre esse último, o ministro confirmava que “são conhecidas desde muitos anos as águas termais da província de Santa Catarina”, porém, lamentava que elas não tivessem sido ainda analisadas para ver quais enfermidades a sua aplicação seria mais proveitosa. Essa análise era urgente, pois o povo espalhava que as águas das Caldas de Santa Catarina prestavam no curativo de todos os tipos de moléstias, “de torpor ou paralisia até problemas de congestões, enalhes formados nas articulações, no do sarcocely (sic), e finalmente, no de impigens, além de outras rebeldes enfermidades da pele.” A ideia de se construir um hospital, segundo o ministro, era bastante antiga, o que para tal já havia sido desapropriados os terrenos em volta das águas por decreto Real de março de 1818, mas, em 1839, pouco havia sido feito.¹⁶

Como era uma das mais conhecidas e concorridas de todo o Brasil —desde 1818 conforme relatou o ministro—, as águas de Santa Catarina deveriam passar por um exame com profissionais habilitados. E assim foi feito. Em 1843, uma junta formada por profissionais da Faculdade de Medicina da Corte foi até o local para ver, finalmente, a que tipo de doenças tais águas eram mais benéficas. Segundo o juízo dos profissionais da mesma faculdade, o ministro declarou que as águas das Caldas “não tem as extensíssimas virtudes que se lhes atribuem, mas podem ser de grande proveito nas enfermidades em que convêm os banhos termais.”¹⁷ Apesar desta declaração ministerial, embasado no teste feito pela junta médica, os deputados da Corte e o próprio Imperador D. Pedro II investiram na construção do hospital, para alegria do governo da província catarinense que passou a exaltar as melhorias e contínuas benesses que as águas proporcionavam aos doentes lá tratados.

Em seu relatório anual, o presidente da província de Santa Catarina, Antero Ferreira de Brito, comunicou que “no verão

14 A discussão dos médicos a respeito das águas minerais do Rio Grande do Sul, mas também de outras províncias, pode ser acompanhada pela Revista dos Annaes de Medicina Brasiliense, nos seguintes volumes: 07/1847 a 06/1848 (código: 1-275, 01, 11); 07/1848 a 06/1849 (código: 1-275, 01, 12); 10/1849 a 09/1850 (código: 1-275, 01). (Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Setor de Periódicos)

15 Biblioteca Nacional, Setor de Periódicos, Revista dos Annaes de Medicina Brasiliense, n. 12, junho, 1849:280-281.

16 Biblioteca Nacional, Setor de Periódicos, Relatório Ministério do Império, 1839:19.

17 Biblioteca Nacional, Setor de Periódicos, Relatório Ministério do Império, 1843:38.

passado [1844] concorreram às Caldas da Imperatriz¹⁸ muitos enfermos, grande parte dos quais ficaram inteiramente curados, e em geral todos obtiveram melhoras.¹⁹ Declarou ainda ter recebido para a construção do hospital de Caldas, de 1842 até dezembro de 1844, seis contos de réis.²⁰ A regra parecia ser esta: todos os lugares com águas medicinais comprovadas pela inspeção imperial receberiam verbas do governo para a construção de hospitais, e, como decorrência, formar-se-ia um povoado, evoluindo para uma vila pela chegada de mais pessoas.

No mês de outubro de 1845, por ocasião da viagem que fazia ao sul do Brasil para averiguar a situação pós-guerra farroupilha, o Imperador D. Pedro II, a Imperatriz Teresa Cristina e uma extensa comitiva se dirigiram ao lugar das águas das Caldas, distante cerca de dez léguas (60 km aproximadamente) da capital da província de Santa Catarina. Banharam-se nas águas termais, e, meses depois, chegou à notícia de que a imperial esposa estava grávida.²¹ A relação foi imediata. Dificuldades para engravidar também poderiam ser resolvidas com banhos nas águas medicinais, e o caso da Imperatriz pode ter servido de comprovação para aumentar a fama do lugar.

Três anos depois, quando o assunto das águas santas do Campestre, no Rio Grande do Sul, veio à tona pelos jornais, o então deputado e médico José Martins da Cruz Jobim, em discurso na Academia Imperial de Medicina, comentou que, por ocasião de uma visita que fizera recentemente às águas das Caldas de Santa Catarina, ficou admirado de achar uma povoação “mui considerável no mesmo lugar que alguns anos antes achara quase deserto, pela concorrência que a fama dessas águas promoveu, apesar de serem elas pouco saturadas de princípios minerais e medicamentosos, e quase simplesmente termais.”²²

Por lei sancionada pelo presidente da província do Rio Grande do Sul,²³ um médico fora autorizado a ir até Santa Maria para realizar a análise das águas do Campestre, o que aconteceu nos primeiros meses de 1849, e o resultado foi

categorico: as águas eram meramente potáveis, não contendo princípio algum que pudesse trazer bem-estar para a população.²⁴ Portanto, nem o governo provincial nem o imperial gastaram qualquer soma pecuniária que visasse melhoria de condições no lugar. Investir erário público em um lugar onde a única voz ouvida era a dos propagadores dos milagres, sendo tais prodígios fruto da ação de um “sacerdote” estrangeiro que mal se sabia a origem e as intenções, seria incentivar ainda mais o fanatismo entre o “povo da campanha”. Patrocinar melhorias no Campestre estimularia a crença, e isso era totalmente incoerente para o governo naquele contexto onde a medicina acadêmica estava em plena cruzada para se afirmar como o único saber capaz de tratar da saúde da população. O momento histórico foi desfavorável para que as águas santas do Campestre da vila de Santa Maria da Boca do Monte recebessem incentivos do governo. Mas esse mesmo contexto serviu para dar repercussão às águas e ao seu descobridor, e, sem isso, dificilmente alcançaríamos o sujeito histórico abrigado sob o manto do “monge milagroso do Rio Grande”, ou, simplesmente, João Maria de Agostini.

Médicos e políticos entenderam o povo como que mergulhado na “ignorância”, “superstição” e “fanatismo”. Quanto a indivíduos como João Maria – pregadores itinerantes –, governo e médicos tinham opiniões um tanto diferentes. Para estes últimos, João Maria de Agostini era um impostor que se arvorava detentor de poderes que fanatizava e enganava o “povo incauto” com suas falsas promessas de cura. Em meados do século XIX, os médicos acadêmicos buscavam ter o exclusivo direito no exercício da arte de curar, estando, portanto, em plena campanha contra práticos e curandeiros, lutando contra estes agentes e esperando que o Estado os auxiliasse nesse combate. Desse modo, entende-se que a repercussão das águas santas e do monge só foi possível de acontecer porque o momento histórico o permitiu, uma vez que tanto médicos quanto governo procuravam a ingerência no campo da saúde.

As águas do Campestre da vila de Santa Maria nunca mais atraíram a atenção para novas análises. Não obstante, o povo continuou afluindo ao local independentemente da opinião oficial. Inicialmente movidos pelo interesse nas águas ditas milagrosas, com o passar dos anos, a imagem de Santo Antônio Abade, colocada no alto do cerro pelo próprio monge, passou a ser o foco das atenções dos peregrinos e romeiros. A romaria de Santo Antônio Abade existe até hoje, sendo a mais antiga devoção iniciada por João Maria de Agostini nas Américas.²⁵

18 Originalmente chamada de Caldas de Cubatão, a proposta de mudança do nome para Caldas da Imperatriz foi do presidente de Santa Catarina Antero Ferreira de Brito, encaminhada à Assembleia Legislativa em 1844. Biblioteca Nacional, Setor de Periódicos, Relatório de Presidente de Província – RPP, Santa Catarina - SC, 1844:15.

19 Biblioteca Nacional, Setor de Periódicos, Relatório de Presidente de Província, SC, 1845:8.

20 Biblioteca Nacional, Setor de Periódicos, Relatório de Presidente de Província, SC, 1845:9.

21 Em 29 de julho de 1846, nove meses depois dos banhos nas águas termais, nasceu a primeira filha mulher do Imperador: a futura princesa Isabel.

22 Biblioteca Nacional, Setor de Periódicos, *Revista dos Annaes de Medicina Brasiliense*, n. 10, abril, 1849:241-242.

23 Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, Códice A-8.007, 1846-1850, folha 91, Ofício da Secretaria do governo em Porto Alegre, 5 de junho de 1848, à Secretaria da Assembleia Legislativa Provincial. O Decreto foi votado pela Assembleia Legislativa na sessão de 28 de junho de 1848.

24 Biblioteca Pública de Rio Grande, artigo “Exposição à Humanidade”, Porto Alegre, 6 de junho de 1849, Dr. Thomaz Antunes d’Abreu. *Jornal Diário do Rio Grande*, 22 de junho de 1849, n. 198:1-2.

25 Desde 1848, a Romaria acontece anualmente no terceiro domingo de janeiro, sempre próxima ao dia 17 de janeiro, que é a data de Santo Antônio Abade no calendário católico.

Quanto ao monge em si, de fato ele despertava a sensibilidade dos devotos pela conduta de vida exemplar centrada na generosidade, na renúncia aos bens deste mundo e no sofrimento assumido. João Maria de Agostini, assim como outros agentes do sagrado, passou por um processo de santificação. Tornou-se, então, ele próprio *santo* e, no extremo, associados à figura de Cristo. Para ser considerado milagreiro pelo povo, o monge João Maria de Agostini não precisou realizar prodígios, pois a vestimenta, a aparência e a condição de penitente em peregrinação legitimavam a crença de que ele possuía poderes para, inclusive, tornar milagrosas fontes de água. Foi entendido, assim, como receptáculo do poder divino, mediador privilegiado entre o mundo comum dos homens e o desconhecido sobrenatural.

Missionário de Índios

O trabalho como missionário de índios, contudo, ainda não havia se sobressaído no percurso do eremita. Tal tarefa foi ganhando contornos mais definidos após João Maria de Agostini ter saído definitivamente do Brasil, em 1852. Até então, apresentava-se como eremita solitário, monge, frade peregrino, além de artesão de pequenos objetos sacros e, acima de tudo, curandeiro, ou, como deixou registrado em suas memórias, “cientista natural”. Fazia também discursos religiosos, pregando o Evangelho quando possível. Essa combinação de fatores juntou-se a contextos propícios para torná-lo tão conhecido em seu tempo. Porém, a missão entre os nativos só apareceria com algum destaque quando de sua experiência no território argentino, principalmente a partir de março de 1852.

De acordo com as memórias, após deixar o Brasil, o eremita se dirigiu para a Argentina seguindo pelo caminho do Paraguai. Fez esta escolha porque objetivava “converter os indígenas que devastavam o novo estado argentino”. Este trabalho missionário ocorreu durante o tempo em que Agostini habitou o Monte Palma, no ano de 1852, na antiga província jesuítica do Paraguai, cerro que se localizava nas imediações do povo de San Javier. Sabemos que ele abandonou o Monte Palma em novembro de 1852, de acordo com uma carta-testamento ditada pelo próprio (Karsburg 2014:323-324). Depois disso, ele deve ter peregrinado entre a República do Paraguai e as províncias de Corrientes e Entre-Ríos na Argentina, seguindo pela mesopotâmia dos rios Paraná e Uruguai, pois:

Cheguei a Buenos Aires em 31 de agosto de 1853. Ali eu fiquei alguns dias e visitei o famoso tirano, Rosas. Ele me concedeu grandes honras, mas como não consegui evitar ser constrangido pelas suas más-intenções, entendi que a melhor saída para mim era continuar meu próprio caminho pelos pampas e entre os índios *Comanche* (Agostini *apud* Wolfe 1925:5).

Como não é característica da memória reter datas precisas, antes situações vividas, ela está sempre suscetível a confusões. Primeiro, Rosas não estava mais no poder em agosto de 1853, já que havia deixado Buenos Aires em fevereiro de 1852, logo depois da derrota para o Exército aliado na batalha de *Caseros*. Segundo, não havia índios *Comanche* nos pampas argentinos, sendo tal nação indígena localizada no sudoeste dos Estados Unidos, justamente entre o Texas e o Novo México – esse último onde o eremita ditava suas memórias em meados de 1860. Passados tantos anos da experiência, possivelmente o italiano não lembrasse mais do grupo indígena que ele fora catequizar nos campos uruguaios: os Charruas.

O equívoco mantém a simplicidade que marca as memórias desde o início, não se detendo em idas e vindas e quantidade de datas que poderiam confundir os futuros leitores. A intenção era apresentar uma sequência linear de fatos que tornasse o texto inteligível e coerente, para que, num tempo próximo, servisse de inspiração para alguém escrever um livro sobre a odisséia do eremita italiano na América. Não parece haver dúvidas que Agostini tinha tal objetivo, pois somente assim entenderemos os motivos de ter aceitado contar suas experiências passadas. Portanto, devia ser difícil correlacionar tempo e território percorrido pelo eremita tal como aconteceu. Os pequenos equívocos e confusões apresentados devem ser relevados.

Ao referir-se que “grande número de índios selvagens devastava o novo estado argentino” (grifos meus), e que decidiu rumar para os pampas para tentar a conversão deles, Agostini demonstrou ter consciência de seu papel enquanto agente do Evangelho, beneficiando-se dos espaços que alguns governos latino-americanos concediam a missionários católicos.²⁶ A condição de leigo o obrigava a destacar suas capacidades diante das autoridades, revelando ter conhecimento bíblico e teológico além de falar vários idiomas. Por mais que lhe fosse aborrecível acatar ordens, era forçoso se mostrar comprometido com as propostas do Estado para conseguir licenças. Feito isso, rumava, então, para o interior a fim de exercer o ministério “puramente Evangélico”, e, nesses momentos, “esquecia-se” que estava sob ordens do governo.

26 Mesmo que a América Latina, em especial os países de fala espanhola, estivesse passando por um paulatino processo de secularização, o projeto missionário de Agostini e de outros sacerdotes parecia encontrar ressonância entre as autoridades. O motivo para isso era a necessidade de trazer os nativos para a órbita do Estado, atraí-los para que defendessem as fronteiras externas e se integrassem ao corpo social, dentro de um processo de construção das Nações e “civilização dos costumes”. Sobre as relações entre o governo de Buenos Aires e os nativos, ver: Bernal, 1997. No Brasil, o papel dos missionários entre os povos originários e suas relações com o Império foi abordado por: Amoroso 2002; Palácios 2012; Karsburg 2014, 2015. No México do anticlerical Benito Juárez, utilizei artigo de: Bazant 1991.

Como descrito nas memórias, o italiano estava na capital portenha em agosto de 1853, quem sabe para se apresentar ao novo governo, Juan José Urquiza, e mostrar sua capacidade de missionário católico de índios. Não foi possível confirmar se conseguiu ou não uma audiência como o presidente Urquiza. De qualquer modo, a capital portenha foi rota passageira, pois, em seguida, Agostini embarcou em um vapor de bandeira francesa subindo o Rio Paraná com destino à cidade de Rosário, na Argentina.

Devido à quebra do “maquinário” do barco,²⁷ os passageiros tiveram que desembarcar e seguir viagem a pé, e o eremita, então, diz ter comprado um cavalo para atravessar os pampas argentinos. Comprovando que os pampas – a oeste de Buenos Aires – era região inóspita, Agostini teve o cavalo roubado durante a noite, e, mesmo assim, continuou na jornada até alcançar a cidade de Mendoza, em abril de 1854, aos pés da Cordilheira dos Andes (Agostini *apud* Wolfe 1925:5). Sabendo que o inverno chegava e que seria arriscado atravessar os Andes com neve, estabeleceu-se numa caverna a 26 km (4 léguas) a oeste de Mendoza, ainda em território argentino. Nesta cidade fez amizade com frei Daniel Baez, superior do convento dos franciscanos que escreveu, a 1º de maio de 1854, a seguinte carta de recomendação ao eremita:

Dom Juan de Agostini escolheu a vida solitária como vocação, elegendo um inóspito e sombrio lugar a oeste desta cidade aonde pretende conservar-se na mais dura austeridade, humildade e vida penitente, aguardando a passagem de nosso rigoroso inverno para poder se retirar da caverna e seguir viagem (Agostini *apud* Wolfe 1925:6).

Deixando a caverna em Mendoza na primavera de 1854, o italiano cruzou os Andes e se dirigiu para a capital do Chile, Santiago. Dalí foi para o sul até a cidade de Talca, pois ouvira indicações da necessidade de um missionário para evangelizar a nação dos índios “Araucanos”. Entre esses permaneceu alguns meses. A sequência da narrativa revela lugares que Agostini visitou e nomes de sacerdotes que cruzaram em sua vida, destacando-se a figura do bispo chileno Dom Justo Donoso (1800-1868).²⁸ Devido, talvez, ao bom serviço desempenhado entre os índios Araucanos, o bispo chamou Agostini – de acordo com as memórias – para lhe fazer uma oferta: que deixasse seus votos solenes de viver solitariamente e se tornasse sacerdote, podendo continuar

como missionário de índios. O italiano, quem sabe pela primeira vez em sua trajetória de eremita peregrino, viu-se tentado a aceitar a proposta. Pediu tempo ao bispo para meditar sobre o assunto, afirmando que “não estava preparado para exercer o sagrado ministério sacerdotal”. Requisitou, então, permissão para deixar a cidade de La Serena, ao norte de Santiago, e se dirigir ao deserto do Atacama (Agostini *apud* Wolfe 1925:6).

Na solidão do deserto, o eremita ocupou a maior parte do tempo trabalhando na tradução de uma Bíblia em latim para o castelhano – certamente o idioma que ele mais dominava depois do dialeto italiano falado no Piemonte –, além de continuar atendendo àqueles que o procuravam. Contudo, sentia-se perturbado pela oferta do bispo, dividido entre continuar na vida errante ou tornar-se sacerdote. Agostini escrevera carta ambígua a Dom Justo Donoso, colocando-se a serviço da Igreja, mas sem abrir mão da autonomia que tanto prezava:

Fiz votos de castidade e pobreza como um religioso de Santo Antônio Abade; obediente devo confessar que não posso fazer nada contrário à minha constituição e às regras que professei para minha vida. Minha consciência está me perturbando desde que saí de La Serena. Se o senhor acha conveniente, pode ordenar-me. Vou sair do deserto todos os domingos para pregar e administrar os sacramentos, e várias vezes durante o ano darei missões para as pessoas que mais precisam dela, e, enquanto Sua Graça viver, devo residir na sua diocese lembrando seu nome todos os dias no momento das missas. Seu mais humilde servo, Juan de Agostini” (Agostini *apud* Wolfe 1925:6).

Como declarou, sabia que a proposta era “teologicamente equivocada”,²⁹ pois não poderia conciliar a vida errante e solitária com as obrigações de sacerdote. Diante do dilema, “senti o peso de minha miséria como nunca antes havia experimentado”, afirmando que “tinha feito votos e os manteria a todo custo, e ninguém poderia dispensá-lo das obrigações.” Além disso, “não parece que seria do agrado de Deus que me tornasse padre. Nunca senti qualquer inclinação para o sacerdócio, antes o contrário: estremeço ao pensar em assumir tais responsabilidades. Não poderia viver sob as imperativas obrigações que pesam aos padres”. Furtando-se ao encontro com o bispo Dom Justo Donoso, Agostini redigiu outra carta, desculpando-se e explicando que era “indigno para o cargo de sacerdote”, portanto, “não poderia aceitar ser padre”. Decidiu a continuar a vida

²⁷ Ao escrever “maquinário” do barco, o italiano comprovava que barcos à vapor já eram uma realidade no trânsito de rios do interior do continente americano.

²⁸ Dom Justo Donoso Vivanco nasceu em Santiago do Chile em 10 de julho de 1800, falecendo em La Serena no dia 22 de fevereiro de 1868. Assumiu o cargo de bispo de La Serena em 1855. Foi professor, escritor e político militante do Partido Liberal. Dentre suas obras, destacaram-se: *Manual del Párroco Americano*, *Guía del Párroco y del Sacerdote* e *Diccionario Teológico Canónico* (http://es.wikipedia.org/wiki/Justo_Donosos_Vivanco - Acesso em: 15 jan. 2022).

²⁹ A proposta era de fato canonicamente equivocada, pois uma vez recebendo ordens sacras Agostini ficaria totalmente dedicado e consagrado a Deus pelos novos votos que fez, anulando os votos anteriores (cf. compêndio de normas eclesiais do Concílio de Trento (1545-1563). In: *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*, Artigo 209, 2007:86). Isto quer dizer que sua condição anterior deveria ser deixada de lado – no caso a de leigo eremita.

errante, partiu para a Bolívia no início de 1858. Permaneceu pouco mais de três anos no Chile.

De acordo com tradição oral identificada por Arthur Campa (1994:175) entre os moradores da cidade de Las Vegas, no estado do Novo México (EUA), havia a certeza de que o eremita Agostini não acreditava nos sacramentos do catolicismo e estava em desacordo com certas doutrinas da Igreja. Realmente fica a impressão de que o italiano nutria ressentimentos à instituição, não estando em completa sintonia com todos os aspectos da teologia católica romana. Sua inspiração era Santo Antônio Abade, o eremita que, no século IV, buscou a perfeição fora do mundo, perfeição que seria difícil de alcançar no quadro de uma sociedade superficialmente cristianizada – como era o Egito sob o domínio romano – e que continuava a ser profundamente alheia ao espírito do Evangelho. Assim como Antônio e os outros padres dos desertos do Oriente,³⁰ Agostini encarnou um ideal de santidade que recusava os valores dominantes da época – poder, cargos, riqueza, dinheiro, vida cidadina, família – para se refugiar na solidão e levar vida totalmente religiosa, consagrada à penitência e à oração.³¹ Apesar de Agostini não estar longe das práticas do catolicismo de sua época, o comportamento independente, que alguns interpretaram como “excentricidades de um velho anacoreta” (Campa 1994:192), indica tensão com a Santa Sé. Mas não posso ir além nas conjecturas pela falta de outras fontes. Assim como no Chile, na Bolívia Agostini também recusou convites para se tornar sacerdote.³²

Um dos argumentos utilizado pelo eremita para não aceitar as ofertas era que a vida inspirada nos costumes monásticos havia declinado por culpa de certos homens e, por isso, não abandonaria, em prol do sacerdócio, o projeto que abraçara e jurara seguir pelo resto de sua existência. Em La Paz, capital boliviana, o frade da Ordem Menor dos Franciscanos, José Nerva, além do padre Mariano Sanchez, tentaram, infrutiferamente, persuadi-lo a entrar para o “ministério sagrado e servir, primeiro, à religião Católica Apostólica e Romana; segundo, à humanidade; e, finalmente, ao Estado”: “caro senhor – escreveu frei José Nerva a Agostini –, faça isso o mais rapidamente possível, pois há tão poucos sacerdotes nos países americanos, que o Evangelho não é conhecido como deveria. Minha alma ficará em êxtase quando vir-lo tornar-se um sacerdote do Senhor.”³³ Justamente por ser o Evangelho pouco conhecido entre os

americanos que Agostini acreditou ser obrigação continuar na vida errante pela América. A crise espiritual que o atormentara no Chile não mais o atingia na Bolívia. Despediu-se do frade e tomou a direção das montanhas que cercavam La Paz, instalando-se no “Monte Illimani”.³⁴

Ainda de acordo com as memórias, a vida do eremita na montanha nevada Illimani era semelhante à que vinha levando em todos os lugares onde parava. Intercalava momentos de solidão na caverna com idas à Missa aos domingos “ocupando este dia a praticar o bem da melhor maneira que podia”. Contudo, “algumas pessoas – declarou Agostini – não gostavam da minha presença porque eu era contrário aos seus vícios”, por isso, “decidi deixar a Bolívia e ir para as montanhas de Arequipa [no Peru], passando por Illampu” (Agostini *apud* Wolfe 1925:7). Por vezes, os ouvintes de Agostini reagiam com “mau-humor” aos sermões, forçando-o a seguir caminho para não sofrer consequências. Todos os lugares apresentados pelo eremita estão geograficamente corretos,³⁵ e as cartas, datas e nomes de pessoas apresentadas em meio ao relato dão às memórias um tom de veracidade.

Ao norte da Bolívia, na fronteira com o Peru, Agostini relata ter vivido situação inédita. Ao chegar a certa vila (ele não revela o nome), foi preso por ordens do “corregedor, um homem bêbado e de moral perdida,” que confiscou seus passaportes dizendo que seriam devolvidos no dia seguinte. Apreendeu, ainda, a sacola que continha moedas, pinturas religiosas e medalhas de Nossa Senhora. Como a promessa não foi cumprida e Agostini continuava detido, quem sabe por semanas, os moradores do local sensibilizaram-se com a situação e ajudaram-no a fugir da cadeia: “as pessoas me deram um velho cavalo selado, e consegui escapar daquele antro de ladrões”. O eremita diz, ainda, ter recuperado parte dos pertences após recorrer ao governo que “fez justiça no caso, dando-me novos passaportes que me habilitaram seguir até Arequipa”. Nesta “atrasada cidade” peruana ficou algum tempo até decidir, em 1859, embarcar para o Panamá e Guatemala: “Havia permanecido vinte e um anos na América do Sul” (Agostini *apud* Wolfe 1925:7-8).

A última jornada: o martírio de sangue

Nas memórias, João Maria de Agostini poupou informações sobre o Brasil e não se alongou muito a respeito de suas experiências em países da América Central. Para a América do Norte, falou sobre o México, onde voltou a reunir grande população ao seu redor, sendo investigado e

30 Para mais informações sobre os “Padres do Deserto” do Oriente, consultar: Lacarrière (2002).

31 O prestígio do ascetismo e o fascínio que o Oriente suscitou no mundo cristão do Ocidente foram analisados por André Vauchez (1990:213-214; 1995).

32 Não encontrei indícios para afirmar que Agostini tenha recebido semelhantes convites no Brasil.

33 Carta de José Nerva, O.F.M., a Juan de Agostini, La Paz, Bolívia, 2 de maio de 1858 (Agostini *apud* Wolfe 1925:7).

34 Vulcão extinto que fica ao sudeste da cidade de La Paz, com 6.462 metros acima do nível do mar. É uma das maiores montanhas da Bolívia e uma das mais belas pelo contraste entre a neve eterna e a cidade aos seus pés (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Illimani> - Acesso em 15 jan. 2022).

35 Illampu é a quarta montanha mais alta da Bolívia, com 6.368 metros acima do nível do mar. Fica ao lado do Lago Titicaca, na fronteira com o Peru (<http://en.wikipedia.org/wiki/Illampu> - Acesso em 15 jan. 2022).

preso por conta desta ascendência sobre o povo. Entrou em discussão com o governador de Puebla, desafiando sua autoridade. Por tamanho desacato, após semanas na prisão, foi deportado para Cuba, em outubro de 1861. Na capital Havana, um retratista fez o primeiro registro fotográfico do monge João Maria, intitulando-a “A Maravilha do Nosso Século”. De passagem por Havana, Agostini embarcou para Nova York, chegando aos Estados Unidos em plena Guerra Civil (1861-1865). Seu destino seria a cidade canadense de Quebec, antiga colônia francesa. Caminhou várias semanas até chegar lá. No entanto, descontente com a forma com que os habitantes de Quebec o trataram – confundiram-no com um mendigo –, Agostini decidiu voltar para os Estados Unidos, tomando o rumo do Oeste americano. Esta seria sua última grande jornada.

A decisão de ir para o Oeste dos Estados Unidos foi o registro final de suas memórias. Após isso, é possível seguir seu itinerário por meio de documentos de época, como jornais, cartas de recomendação dadas a Agostini por autoridades estadunidenses e memórias de pessoas que conheceram e se relacionaram com ele entre 1862 (data de sua reentrada nos Estados Unidos após alguns meses no Canadá) até o momento de sua morte, em abril de 1869. Já muito experiente em viagens a pé e de longa distância, Agostini agrupou-se para cruzar o meio-oeste americano até chegar ao Novo México, na cidade de Santa Fé, em 1863. Buscou no alto de uma montanha, na vila de Las Vegas,³⁶ o refúgio onde permaneceria por três anos. Esta montanha seria rebatizada logo após a saída do monge andarilho: *The Hermit Peak*. Também aqui há uma romaria anual (setembro) onde se venera três grandes cruzeiras deixadas por Agostini. Além disso, ele passou instruções aos católicos da região de como deveriam proceder com a devoção.³⁷

Difícil dizer qual era a intenção de Agostini quando ele resolveu ir mais para o sul, no caso a vila de Mesilla, quase fronteira com o México. Sua vontade de peregrinar, sempre empurrando-o a uma jornada que parecia não ter fim, devia entrar em confronto com a vocação eremítica, a vida solitária e estacionária. De qualquer modo, a vila de Mesilla parecia ser um ponto de passagem para ele, cujo destino, ao que tudo indica, era o México mais uma vez. Estaria Agostini com planos de regressar à Itália? Um dos últimos

registros de seu livro de memórias deixou transparecer um desejo de retorno para a terra natal.

Como era seu costume, fez-se registrar em livro de visitas do tribunal do Condado de Santa Ana. Uma vez em Mesilla, contactou pessoas, rezou com elas, ensinou crianças a ler, participou das Missas, fez sermões. Também tratou de alguns doentes, além de contar suas histórias de viagens pelo mundo, apresentando-se como missionário de índios. Refugiou-se em uma caverna incrustada em uma formação rochosa a dezesseis quilômetros da vila. Alertado de que era perigoso viver sozinho naquela região, tranquilizou seus mais novos amigos dizendo que ascenderia uma fogueira todas as sextas-feiras à noite para avisar que tudo estava bem. Deveriam subir a montanha caso não avistassem o sinal de fogo na sexta-feira. No mais, índios e foragidos não o assustavam, pois havia passado por inúmeras situações desse tipo sem que qualquer mal lhe acontecesse. Mas não desta vez.

No dia 30 de abril de 1869, uma sexta-feira, a fogueira não foi vista pelos moradores de Mesilla. No sábado, ainda de madrugada, um dos amigos mais próximos do eremita, Antônio Garcia, acompanhado por alguns homens, mais o Xerife Mariano Barela, se dirigiram para a caverna – *La Cueva*. O corpo só seria encontrado no domingo, 2 de maio, distante da caverna. Estava caído, de bruços, segurando firmemente um rosário na mão. A cabeça apresentava marcas de um forte golpe na parte de trás, além de duas perfurações nos pulmões, possivelmente feitas com lança. O juiz determinou a morte como homicídio. Velado na igreja San Albino, foi enterrado no mesmo dia 2 de maio de 1869. O padre José Jesus de Baca assim registrou no livro de óbitos:

No dia dois de maio de mil e oitocentos e sessenta e nove, eu, sacerdote padre José de Jesus Baca, encarregado da ordem espiritual da paróquia de San Albino de Mesilla, enterrei eclesiasticamente no solo sagrado o corpo de Juan Ma. Agostini, adulto da Itália, eremita dos desertos, que não recebeu sacramentos por ter sido assassinado nas montanhas e por isso assino. Padre José de Jesus Cabeça de Baca. (BACA, 1869)³⁸

O assassinato de João Maria de Agostini faz parte de uma lista de crimes jamais solucionados do Condado de Dona Ana, sul do Novo México, fazendo com que a trajetória de sua vida peregrina passasse a ser contada e recontada desde então. Verdadeiro drama de “fé, romance, coragem, caridade e martírio da vida de um eremita.” O corpo de Agostini foi enterrado no *San Albino Cemetery*, em Mesilla, onde se encontra até hoje ao lado de jazigos que guardam os restos mortais de pioneiros que desbravaram a região do

36 Não confundir com a famosa cidade dos cassinos e das luzes que fica no estado de Nevada. A Las Vegas desta história está localizada no nordeste do estado do Novo México, portanto, nada tem a ver com a homônima famosa.

37 Não deixou nada por escrito, mas os seguidores mais próximos se reuniram e criaram, na sequência, uma confraria leiga, não oficial, chamada “A Irmandade da Santa Cruz” (*The Brotherhood of the Holy Cross*), com o intuito de manter a tradição ensinada pelo eremita. Mas foi somente em 1898, quase trinta anos depois da morte do eremita, que os membros sobreviventes da dita irmandade regularizaram a condição diante da Igreja Católica, criando um estatuto com regras bastante simples, mudando, inclusive, o nome da agremiação: *Sociedad del Ermitaño*. Documento disponível em: <http://digitalnm.unm.edu/cdm4/document.php?CISOROOT=/Manuscripts&CISOPTR=6609&REC=9> (acesso em: 8 jan. 2022).

38 Esta descrição é do dia 2 de maio de 1869 e encontra-se na página 93 no Livro de Óbitos e Enterros da Igreja de San Albino (janeiro de 1852 a abril de 1873). Arquivo da Igreja de San Albino, Mesilla, Novo México, EUA.

Novo México no século XIX. Agostini cumprira, portanto, a promessa de servir a Deus até a morte nos mais terríveis desertos do mundo. Por circunstâncias que ainda precisam ser explicadas, nem o local de sua morte, nem o lugar onde está enterrado, tornaram-se pontos de peregrinação, romaria ou de culto, ao contrário de inúmeros sítios por onde passou nas Américas.

Considerações Finais

Reconstituir a trajetória de alguém que tinha por característica principal a itinerância não pode ser entendido como tarefa simples, antes o contrário. Os desafios aumentaram à medida que o sujeito não passou por um ou dois países da América — o que, talvez, facilitasse o trabalho —, antes peregrinou por praticamente todos. Recapitulando: após alguns anos vagando na Europa, partiu de Nantes, na França, em 1838, rumo à América do Sul, onde esteve na Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai, Chile, Bolívia — e em alguns cruzou mais de uma vez, como o Brasil, a Argentina e o Peru; na América Central: Panamá e Guatemala, além de Cuba que fica no Mar do Caribe; e, por fim, na América do Norte: México, Canadá e Estados Unidos. Que grande e inusitado percurso! Verdadeira “odisseia” de mais de três décadas repleta de idas e vindas e milhares de quilômetros percorridos, de barco, a cavalo e, principalmente, a pé.

Numa jornada de tantos anos pelo Novo Mundo, muitos foram os desafios e riscos superados: naufrágios, ataques de índios e ladrões, epidemias e doenças do sertão, fome, intempéries, animais selvagens e insetos transmissores de doenças. Não poucos viajantes sucumbiram ou viram a morte de perto em meio ao caminho, tanto brasileiros quanto estrangeiros, de botânicos a comerciantes, de exploradores a missionários religiosos. O próprio Agostini foi violentamente morto no Novo México, mas não há como deixar de sublinhar que até isso acontecer havia se passado trinta e um anos desde sua chegada à América em 1838. Se proteção divina ou sorte, destino ou acaso, o que se pode deduzir é que o italiano era de saúde robusta, fisicamente resistente e percorreu a extensão das Américas com grande habilidade.

Ao pisar pela primeira vez no Novo Mundo, uma nova vida começou para ele devido às oportunidades que se apresentaram. Às tarefas de solitário eremita agregou outras por necessidade, como a de artesão, “cientista natural” (curandeiro) e pregador do Evangelho. Porém, percebeu que o contexto americano favorecia a ação de missionários religiosos, principalmente se atuassem entre os indígenas. Manteve o discurso do desejo pela solidão, mas suas obras o desmentiram: para levar as primeiras luzes do Evangelho aos mais distantes e hostis territórios, peregrinou incessantemente e lançou mão de recursos variados. Por vezes

estacionava neste ou naquele sítio, escolhendo, então, uma gruta, caverna, montanha, lapa onde ficava algum tempo em retiro espiritual e próximo das pessoas com quem estabelecia relações de troca. Criou vínculos momentâneos para poder exercer seu ministério, pois sem este auxílio não conseguiria colocar em prática os planos de mensageiro do Evangelho. Essa rede de relações interpessoais formou o *tesouro* do pobre eremita, a fortuna imaterial que acreditou ter sido um dos motivos que permitiram a ele ser dono de uma trajetória rara em comparação a outros missionários europeus que igualmente estavam na América no mesmo período histórico.³⁹

As memórias de Agostini foram escritas entre 1863 e 1867, enquanto ele esteve no norte do Novo México vivendo em uma montanha. Sua intenção com elas era dar coerência à sua existência, justificar escolhas e, também, defender a honra atacada, desculpando-se de amigos que conheceu em quase meio século de vida errante. Porém, os manuscritos nunca se tornaram livro, não cumprindo com o objetivo de alcançar quem ele gostaria; e, para piorar, as memórias originais estão momentaneamente perdidas.

Ao selecionar fatos, Agostini ocultou outros, propositadamente ou por esquecimento. Nada comentou sobre os inúmeros problemas que teve com as autoridades brasileiras em função da fama de “monge milagroso”. Foi detido e deportado, tendo seus passos controlados por delegados e chefes de Polícia. Aliás, tais contratempores aconteceram também na Argentina, na Bolívia e no México quando, por conta de afrontas à ordem pública e às autoridades, acabou preso. Essa situação de tensão com os governos de inúmeros países não foi uma exclusividade de Agostini, mas uma realidade enfrentada por missionários europeus que fizeram trabalhos de catequização pelo amplo território americano, principalmente a partir da década de 1840.⁴⁰

Para formar o conteúdo de seu livro de memórias, Agostini poderia consultar os inúmeros passaportes e cartas que atestavam lugares por onde passou, pessoas com quem falou e/ou se relacionou. E assim ele deve ter procedido. Nas memórias, contudo, decidiu escrever pouco da terra natal, e quando o fez ocultou seu passado camponês, de

39 No tempo de Agostini, parecido a ele havia os frades capuchinhos italianos, os franciscanos e carmelitas, além de alguns poucos jesuítas no sul do Brasil. Porém, apesar de semelhantes no visual e em seu método missionário, Agostini andava solitariamente e não pertencia a quaisquer ordens monásticas, o que dava a ele mais liberdade de ação. No 5º capítulo de meu livro (Karsburg 2014:229-276), apresentei a ampla pesquisa que fiz sobre a presença de outros missionários no Brasil do século XIX, servindo para contextualizar a presença de Agostini no território do Império e seus contratempores com as autoridades brasileiras.

40 Em minha tese de doutorado e posterior livro (Karsburg 2014), abordei em detalhes os problemas ocorridos entre as autoridades brasileiras e os missionários italianos entre 1840 e 1860, buscando, com isso, esclarecer o contexto de atuação e condicionantes que interferiram nas Santas Missões católicas no Brasil Imperial.

família pobre. Um santo, para ser santo, precisava ser de descendência aristocrática ou mesmo real, por isso buscar no imperador *Justiniano*⁴¹ a linhagem familiar. Essa tentativa de reescrever o próprio passado era comum na escrita hagiografia: literatura que visava construir modelos de santidade, pessoas com predestinação à santidade desde a infância.

41 Na lápide onde está enterrado, seu sobrenome aparece como *Justiniani*, mostrando que a história contada, talvez por ele próprio, de que descendia da família do Imperador romano, ganhou credibilidade.

As memórias trazem uma série de informações pontuais, precisas quanto a datas, nomes de pessoas e lugares. Confrontado a documentos encontrados em arquivos diversos, espalhados em vários estados brasileiros, em outros países latino-americanos, nos Estados Unidos e Itália, aos poucos foi possível reconstruir seu percurso bem como detalhes de suas experiências. A reflexão feita a partir deste amálgama de fontes históricas não nos deixa dúvidas: João Maria de Agostini, sujeito excêntrico para muitos, construiu uma trajetória rara nas Américas, centrado na missão itinerante e na existência solitária.

Fontes:

Baca, J. J. C. de.

1869. *Livro de Óbitos e Enterros da Igreja de San Albino* (janeiro de 1852 a abril de 1873). Arquivo da Igreja de San Albino, Mesilla, Novo México, EUA.

Vide, D. Sebastião Monteiro da.

2007 [1707] [1853]. *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. Senado Federal, Conselho Editorial, Brasília.

Referências citadas:

Amoroso, M. R.

2002. Entre os selvagens do Brasil: ensaios, memórias e diários dos frades capuchinhos sobre os aldeamentos do Império (1844-1889). Encontro Anual da Anpocs. *Anais*. Caxambu.

Bachmann, C. J.

1921. *Monografia Histórico-Geográfica*. Imp. Torres Aguirre, Lima, Perú.

Bazant, J.

1991. México. En *Historia de América Latina. América Latina Independiente, 1820-1870*, editado por L. Bethell, pp. 105-143. Editorial Crítica, Barcelona.

Bernal, I.

1997. *Rosas y los indios - Concepción del Uruguay*. Ediciones Búsqueda de Ayllú, Entre Ríos, Argentina.

Brüning, H. H.

1922. *Estudios Monográficos de Lambayeque*. Compilado por James M. Vreeland, Jr. Sican. Editorial Grafica Pacific Press S.A., Lima, Perú.

Campa, A.

1994. *Treasure of the Sangre de Cristos: tales and Traditions of the Spanish Southwest*. University of Oklahoma Press, Oklahoma, Estados Unidos.

Châtelier, L.

1995. *A Religião dos pobres: as Missões rurais na Europa e a Formação do Catolicismo Moderno. Séc. XVI - XIX*. Editorial Estampa, Lisboa.

Correa, L. E. T. et al.

2022. El estado en su frontera: arbitrariedad e ilegalidad en las políticas migratorias recientes en Chile. *Diálogo Andino* 68:167-182.

Cottyn, H.

2021. Carangas en movimiento: estado liberal, elites provinciales y movilidad transfronteriza andina entre el altiplano boliviano y el Pacífico (1860-1930). *Diálogo Andino* 66:2611-272.

Del Castillo Niño, C.

1967. *La Cruz del Chalpón: Leyenda, Tradición, Relato*. Segunda Edición, Lima, Perú.

Delumeau, J.

2003. *O Pecado e o Medo: A Culpabilização no Ocidente (séculos 13-18)*. 2 volumes. EDUSC, Bauru; São Paulo, Brasil.

Dessilani, F.

2019. Nuovi documenti italiani su Giovanni Maria De Agostini: la famiglia d'origine e la nascita. En *Religiões e Religiosidades no Rio Grande do Sul: Monge João Maria na História – Dossiê: 150 anos da morte do Monge João Maria*, editado por A. Karsburg, pp. 95-131, Vol. 7. ANPUH, São Paulo, Brasil.

Dosse, F. 2009.

O Desafio Biográfico: Escrever uma vida. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

Eusebio, I. E.

2016. Invención, colonización y memoria indígena en la narrativa de fray Bernardino de Sahagún. *Diálogo Andino* 49:57-72.

Fonseca, J.

2020. Las representaciones sobre los indígenas en las crónicas de los misioneros protestantes en el Perú a inicios del siglo XX. *Diálogo Andino* 63:79-89.

- Gomes, A. C.
2004. *Escrita de si, Escrita da História*. Editora da FGV, Rio de Janeiro, Brasil.
- Karsburg, A.
2014. *O Eremita das Américas: a Odisseia de um Peregrino Italiano no Século XIX*. Editora da UFSM, Santa Maria, Brasil.
- Karsburg, A.
2015. Os Apóstolos dos sertões Brasileiros: uma análise sobre o método e os resultados das missões religiosas dos capuchinhos italianos no século XIX. *Estudos Históricos* 55:51-64.
- Karsburg, A.
2019. *Religiões e Religiosidades no Rio Grande do Sul. Monge João Maria na história – Dossiê: 150 anos da morte do Monge João Maria*. Vol. 7. ANPUH, São Paulo, Brasil.
- Karsburg, A.
2020. Tradição e história de uma devoção católica no norte peruano: Santíssima Cruz de Chalpón. *Revista Brasileira De História Das Religiões* 13: 9-36.
- Lacarrière, J.
2002. *Padres do Deserto: homens Embriagados de Deus*. Edições Loyola, São Paulo, Brasil.
- Le Goff, J.
1994. As ordens mendicantes. En *Monges e religiosos na Idade Média*, editado por Berlioz, pp. 227-241. Terramar, Lisboa, Portugal.
- Orbigny, A. d'.
1976. *Viagem pitoresca através do Brasil*. Ed. Itatiaia; Ed. da Universidade de São Paulo, Belo Horizonte; São Paulo, Brasil.
- Palácios, G.
2012. Política Externa, tensões agrárias e práxis missionária: os capuchinhos italianos e as relações entre o Brasil e o Vaticano no início do Segundo Reinado. *Revista de História* 167:193-222.
- Porras, V. G.
2016. Imágenes etnográficas: representación y discurso del 'indio' en Chile en la obra de fray Diego de Ocaña. *Diálogo Andino* 50:141-153.
- Saint-Hilaire, A.
1976. *Viagem à Província de São Paulo*. Ed. Itatiaia; Ed. da Universidade de São Paulo, Belo Horizonte; São Paulo, Brasil.
- Saint-Hilaire, A.
1978. *Viagem a Curitiba e Santa Catarina*. Ed. Itatiaia; Ed. da Universidade de São Paulo, Belo Horizonte; São Paulo, Brasil.
- Saint-Hilaire, A.
2002. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. 4ª Ed. Martins Livreiro Editor, Porto Alegre, Brasil.
- Seidler, C.
2003. *Dez anos no Brasil*(1846). Editora do Senado Federal, Brasília, Brasil.
- Valderrama, L. B.; Sevilla, E.
2021. La discusión pública de los pronósticos de terremotos de Rudolf Falb en Ecuador y la costa sudamericana del Pacífico (1869-1889). *Historia Unisinos* 25:420-434.
- Vauchez, A.
1990. O Santo. En *O Homem Medieval*, editado por J. Le Goff, pp. 211-230. Editorial Presença, Lisboa, Portugal.
- Vauchez, A.
1995. *A Espiritualidade na Idade média Ocidental: séculos VIII a XIII*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, Brasil.
- Witter, N.
2007. *Males e Epidemias: Sofredores, Governantes e Curadores no sul do Brasil (Rio Grande do Sul, século XIX)*. Tese de doutorado em História, Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Brasil.
- Wolfe, C.
1925. *New Mexico's Hermit*. Volume 2. Arquivo Histórico da Biblioteca Frei Angélico Chaves, San Miguel News, Seção de documentos e fotografias. Santa Fé, Novo México, EUA.